

**DE “NOVO ELDORADO” A REGIÃO METROPOLITANA: REPRESENTAÇÕES E
DISCURSOS NO ESPAÇO LONDRINENSE***

**DE “NUEVO ELDORADO” A REGIÓN METROPOLITANA: REPRESENTACIONES Y
DISCURSOS EN EL ESPACIO LONDRINENSE**

**FROM “NEW ELDORADO” TO METROPOLITAN REGION: REPRESENTATIONS AND
DISCOURSES IN THE LONDRINENSE SPACE**

Fábio César Alves da Cunha

Prof. Adjunto do Departamento de Geociências da
Universidade Estadual de Londrina
fabioalvescunha@gmail.com

Resumo: A Região Metropolitana de Londrina foi instituída no fim da década de 1990 dentro de um processo que se iniciou com a constituição de 1988, na qual os estados federados passaram a ter a prerrogativa de instituírem suas próprias Regiões Metropolitanas. O presente artigo procura resgatar algumas representações que foram surgindo na história de Londrina e suas relações com este espaço geográfico, entre elas, a representação Londrina Novo Eldorado, o discurso Londrina Capital Regional e a representação Londrina Metrôpole, esta última originada na década de 1970 com o projeto METRONOR. Estas representações e seus respectivos discursos colaboraram com o processo que culminou com a institucionalização da Região Metropolitana de Londrina.

Palavras-chave: Representação, Londrina Novo Eldorado, Londrina Capital Regional, Londrina Metrôpole, Região Metropolitana de Londrina.

Resumen: La Región Metropolitana de Londrina fue instituida en los finales de la década de 1990 dentro de un proceso iniciado con la constitución de 1988, en la cual los estados federales pasaron a tener prerrogativas de instituir sus propias Regiones Metropolitanas. El presente trabajo científico pretende rescatar algunas representaciones que fueron surgiendo en la historia de Londrina y sus relaciones con este espacio geográfico, entre ellas, la representación Londrina Nuevo Eldorado, el discurso Londrina Capital Regional y la representación Londrina Metrôpolis, esta última originada en la década de 1970 con el proyecto METRONOR. Estas representaciones y sus respectivos discursos contribuyeron con el proceso que culminó con la institución de la Región Metropolitana de Londrina.

Palabras-claves: Representación, Londrina Nuevo Eldorado, Londrina Capital Regional, Londrina Metrôpolis, Región Metropolitana de Londrina.

Abstract: The Metropolitan Region of Londrina was set up at the end of the 1990s, in a process that began with the 1988 Federal Constitution in which the federated states received the prerogative to establish their own Metropolitan Regions. This article seeks to recover some representations that have emerged in the history of Londrina and their relations with this geographic space, namely, the representation Londrina New Eldorado, the discourse Londrina Regional Capital and the representation Londrina Metropolis, the latter originating in the seventies in the METRONOR project. These representations and their respective discourses have cooperated with the process that culminated in the institutionalization of the Metropolitan Region of Londrina.

Keywords: Representation, Londrina New Eldorado, Londrina Regional Capital, Londrina Metropolis, Metropolitan Region of Londrina.

* Este artigo sintetiza parte da tese de doutorado A metrôpole de papel: a representação “Londrina Metrôpole” na institucionalização da Região Metropolitana de Londrina, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP/ Presidente Prudente- SP, com financiamento da CAPES, orientada pelo Professor Dr. Raul Borges Guimarães.

1. Introdução

Em junho de 1998, foi instituída pela Lei Complementar do Estado do Paraná nº 81 a **Região Metropolitana de Londrina**, uma das primeiras do interior do país, depois de Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais, e de Campinas e Santos no Estado de São Paulo. Esta Região Metropolitana se iniciou, conforme a lei, constituída pelos municípios de Londrina, Jataizinho, Ibiporã, Cambé, Rolândia e Tamarana, e previa juntamente a instalação de Conselhos Consultivo e Deliberativo e suas competências, além de designar os serviços comuns aos municípios que a integram, como planejamento integrado do desenvolvimento econômico e social, saneamento básico, uso do solo metropolitano, transportes e sistema viário, aproveitamento dos recursos hídricos e controle da poluição ambiental.

O objetivo deste trabalho é de fazer uma análise da representação social **Londrina MetrÓpole** e sua influência na institucionalização da Região Metropolitana de Londrina em 1998. Partimos da hipótese de que essa institucionalização ocorreu por já existir essa representação originada nas décadas de 70 e 80, em decorrência do Projeto MetrÓpole Linear Norte do Paraná - METRONOR, e do desenvolvimento acelerado que a cidade de Londrina passou a ter nas duas décadas anteriores. Para isso, é necessário demonstrar que essa representação é um desencadeamento de outras representações que surgiram no decorrer da história de Londrina e que sempre enalteceram este espaço geográfico como síntese de desenvolvimento e progresso. Destacam-se entre elas a representação **Londrina Novo Eldorado**, **Londrina Nova Canaã**, o discurso **Londrina Capital Regional** e a representação **Londrina MetrÓpole**.

Realizou-se um levantamento bibliográfico sobre o referencial teórico utilizado e sobre a constituição dessas várias representações surgidas na história londrinense. Entrevistaram-se técnicos, engenheiros, arquitetos, políticos e outros profissionais que fizeram parte do Projeto METRONOR em suas várias fases, projeto este que durou 12 anos até ser extinto já no fim da década de 1980. Deste período, foi resgatada mais de uma centena de matérias do jornal Folha de Londrina que fizeram referência a “MetrÓpole Norte do Paraná” e contribuíram para a propagação da representação **Londrina MetrÓpole**.

2. Imaginário, representação e discurso

O processo de construção do imaginário em uma sociedade se inscreve na interpretação de símbolos que são evocados para compor o imaginário social, os quais estão intrinsecamente relacionados com o lugar, isto é, com seu componente geográfico.

Para Castro (1997, p. 177):

[...] todo imaginário social, da mesma forma que possui um forte componente político, possui também um forte componente espacial pelo poder simbólico atribuído aos objetos geográficos, naturais ou construídos, que estão em relação direta com a existência humana. Em outras palavras, todo imaginário social pode revelar-se imaginário geográfico.

Para Eliade (1996, p. 157), as imagens mentais podem se tornar símbolos quando se tornam familiares dentro de uma sociedade a ponto de ultrapassar seu sentido geral e imediato. Assim, uma dada realidade é reconstruída pelo imaginário através de seus recursos simbólicos.

Castoriadis (1982, p. 154) considera que existe uma forte relação entre o simbólico e o imaginário, pois o imaginário deve utilizar o simbólico não somente para “expressar-se”, o que é óbvio, mas para “existir”, para passar do virtual a qualquer coisa a mais.

No caso do presente trabalho, procuramos elucidar como a representação **Londrina Metrópole**, num imaginário local e regional, se formou a partir dos atributos espaciais da própria cidade de Londrina, principalmente devido ao seu rápido crescimento demográfico, físico e, sobretudo, vertical, a partir da década de 50. Esses fatores foram gradativamente influenciando a produção e a construção social de símbolos por determinados agentes sociais que, em seus discursos, acabaram por disseminar a ideia representativa de uma realidade, no caso, uma metrópole que surgia.

Queremos considerar que o símbolo **Metrópole**, e sua derivação **Região Metropolitana**, utilizado em vários momentos do processo de implementação do projeto METRONOR e da institucionalização da Região Metropolitana de Londrina, colaborou com o desenvolvimento da representação **Londrina Metrópole**.

Para Jovchelovitch (2000, apud SILVA, 2003, p. 42), o símbolo pressupõe a capacidade de evocar a presença apesar da ausência, já que sua característica fundamental é significar uma outra coisa; desta forma, ele cria o objeto representado, construindo uma nova realidade para a realidade que já está lá. Em Londrina, a representação **Londrina Metrópole** busca a presença de algo que ainda não existe, no caso a Metrópole, o objeto representado criado. Já a representação Novo Eldorado busca a presença de um novo lugar, com imensa riqueza pronta a ser desfrutada, algo que não condizia com aquela realidade.

Para Lefebvre (1983, p. 271), a representação substitui a presença na ausência. Supre a ausência impondo formas diversas como a reflexão, imagens, signos propensos a uma alienação. O que se representa está presente e ausente ao mesmo tempo na representação.

Lutfi et al. (1996, p.89) consideram que o estudo das representações destina-se a entender o processo pelo qual a força do representado se esvai, suplantada por seu representante por meio da representação, e como esta representação distancia-se do vivido e se multiplica, manipulando o vivido. As representações interpretam a prática social e, ao mesmo tempo, interferem nela; fazem

parte da vida e dela só se distinguem pela análise. Desta forma, as representações aqui trabalhadas tiveram como objetivo impor e garantir a permanência de novas práticas sociais e, ao mesmo tempo, defender os valores de uma sociedade capitalista em desenvolvimento.

Castoriadis (1982, p. 154) argumenta que o termo ‘imaginário’ refere-se a quando queremos falar de alguma coisa “inventada”, quer se trate de uma invenção “absoluta” (uma história imaginada em todas as suas partes), ou de um deslizamento, de um deslocamento de sentido, em que símbolos já disponíveis são investidos de outras significações que não suas significações normais ou canônicas. Nos dois casos, é evidente que o imaginário se separa do real, que pretende colocar-se em seu lugar (uma mentira) ou que não pretende fazê-lo (um romance).

O imaginário e as representações sociais estão intrinsecamente relacionados. Segundo Moscovici (1961):

[...] a representação social é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam a realidade física e social inteligível, se inserem num grupo ou numa relação cotidiana de trocas, liberam o poder da sua imaginação (MOSCOVICI, 1961, p.27-28).

A definição mais consensual entre os pesquisadores do campo é a de Jodelet (2002, p. 22, apud ARRUDA, 2002, p. 138): “As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

A autora sintetiza a ideia: “toda representação é representação de alguém e de alguma coisa. Toda representação se refere a um objeto e tem um conteúdo. E o alguém que a formula é um sujeito social, imerso em condições específicas de seu espaço e tempo” (JODELET, 2002, apud ARRUDA, 2002, p. 142). No caso da representação **Novo Eldorado**, esse “alguém” é constituído pelos atores que propagavam esse discurso no boca a boca ou em panfletos e jornais; e essa “alguma coisa” é o imaginário de um paraíso que poderia trazer a riqueza fácil para aqueles que o desbravasse. Conforme Arruda, a representação assume a forma de um conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, pois era disseminado na sociedade com o objetivo claro de contribuir com as necessidades de uma realidade caracterizada por um sertão pouco conhecido, precário, distante, perigoso e que necessitava urgentemente, entre outras coisas, de uma mão de obra corajosa e envolvida pelas possibilidades representadas pelo **Eldorado** para viabilizar a necessária reprodução do capital. No caso da representação **Londrina Metrôpole**, os atores são os técnicos do planejamento e os políticos, e o objeto, uma região metropolitana inexistente.

Em resumo, ao ser produção simbólica destinada a compreender e balizar o mundo, ela provém de um sujeito ativo e criativo, tem um caráter cognitivo e autônomo e configura a

construção social da realidade. A ação e a comunicação são seu berço e chão: delas provém e a elas retorna a representação social (ARRUDA, 2002, p. 142). Fica evidente a importância do discurso no ato de propagação da representação social. O discurso, como ação e comunicação de um conteúdo determinado veiculado nos jornais e panfletos de venda dos lotes da Cia de Terras, evidenciava o Eldorado, a Terra Prometida, na representação Novo Eldorado. Já na representação Londrina Metrópole são as reportagens do jornal Folha de Londrina, os estudos do Projeto Metronor, os encontros técnicos e políticos constantemente veiculados pelo mesmo jornal que noticiavam a existência de uma metrópole no norte do Paraná.

Lutfi et al. (1996, p. 95) consideram que, para Lefebvre, a força das representações vem do fato de que as sociedades contemporâneas, em vez de interpretarem a vida com símbolos, figuras e fatos históricos, produzem signos e imagens e, principalmente, representações. Representações redutoras que apagam os conflitos e deslocam os sentimentos. Representações que simulam a vida e dissimulam as relações concretas. Neste caso, a representação social também é ideológica:

Uma das maneiras pela qual se pode conceber a ideologia é que ela é um reflexo invertido, mutilado, deformado do real, na medida em que significa um conjunto abstrato de idéias, representações e valores de determinada sociedade. Abstrato no sentido de designar todo e qualquer conjunto de idéias que pretenda explicar fatos observáveis sem vincular essa explicação às condições sociais, históricas e concretas em que tais fatos foram produzidos. Apesar da desvinculação, essas idéias são transmitidas e absorvidas como se fossem reais (FRANCO, 2004, p. 177).

As representações aqui tratadas serviram para encobrir a exploração intrínseca da reprodução do capital sempre presente em cidades capitalistas com rápido desenvolvimento como Londrina e região. Essa ideologia se perpetuou na passagem do Novo Eldorado para a Capital Regional dos anos 1960, para a metrópole que se vislumbrava nos anos 1970 e para a Região Metropolitana dos anos 1990. Na verdade, muito pouco é divulgado sobre os níveis de exploração do capital nas atuais metrópoles contemporâneas.

Para Castoriadis (1982, p. 142), tudo o que se nos apresenta no mundo social-histórico está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico, os atos reais, individuais ou coletivos, os inumeráveis produtos materiais sem os quais nenhuma sociedade poderia viver um só momento são impossíveis fora de uma rede simbólica e este simbólico é encontrado primeiramente na linguagem.

Castoriadis considera que só existe história porque os homens comunicam e cooperam num meio simbólico, um simbolismo que é ele próprio criado. “*A história só existe na e pela ‘linguagem’*”:

A linguagem como rede simbólica instituída consegue autonomizar-se através do discurso que não é independente do simbolismo, o discurso é tomado pelo simbolismo: “Mas isso não quer dizer que lhe seja fatalmente submetido. E, sobretudo, o que o discurso visa é outra coisa que o simbolismo: é um sentido que

pode ser percebido, pensado ou imaginado; e são as modalidades dessa relação, com sentido que fazem um discurso ou um delírio” (CASTORIADIS, 1982, p. 169).

Silva (2003) citando Bourdieu comenta:

[...] o simbolismo reveste toda e qualquer dominação. É a relação entre sistemas simbólicos e o sistema de classes e grupos de status e a estrutura de poder daí resultante. A sociedade é um campo de batalha operando com base na força do sentido. Para além das lutas no espaço inclusivo do mercado (material) onde o critério decisivo é a propriedade, ocorre um conflito entre valores que se materializam através de um estilo de vida baseado no prestígio e na dominação. (SILVA, 2003, p. 42 e 43).

As representações, carregadas de simbolismos, colaboram para que o poder econômico consiga perpetuar seu poder no território pelo sistema de classes. Neste caso, o poder simbólico é tão importante quanto o poder econômico, pois é o poder simbólico que acaba ditando os valores necessários para a perpetuação do poder econômico.

Para Bourdieu, o poder simbólico está, assim, na relação entre os que exercem poder e os que lhes estão sujeitos, onde se produz e reproduz a crença, o fazer-se acreditar. Nesse sentido, cita-se, por exemplo, que “o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia” (BOURDIEU, 2001, p. 15).

Para Silva (2003):

As relações de comunicação, assim, são relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes ou instituições. É o discurso do poder que o concebe como verdadeiro, sustentando-se no ocultamento do contra-discurso. O poder é, então, constituído e legitimado pelo discurso.

E, se é o discurso que assegura ao poder legitimidade, ao trabalhar com um conjunto desses discursos, através de jornais, bibliografias e de entrevistas, faz-se necessário pensá-lo, além inscrito, ouvido e sentido. Como os discursos apreendem a realidade, possibilitando o “refazer” do passado, assume-se que exercem papel fundamental nas práticas sociais. Importa, então, saber como os discursos vão produzindo efeitos de poder e controle, fazendo com que as coisas sejam pensadas de um jeito e não de outro. (SILVA, 2003, p. 43).

Queremos considerar até aqui, que as representações Londrina Novo Eldorado e Londrina Metrópole se caracterizaram por possuírem um discurso ditado por determinados atores, que conseguiram passar para a sociedade a veracidade do que era pronunciado e conseqüentemente despertar a crença na sua legitimidade. Isso colaborou com a proliferação de práticas sociais excludentes e a propagação de valores necessários para o desenvolvimento econômico de uma cidade capitalista que se desenvolveu de forma acelerada.

Sader (1988, p. 60), se referindo especificamente aos movimentos sociais, diz que a elaboração dos discursos realizados pelos movimentos demonstra a constituição de um novo sujeito político que faz emergir uma nova matriz discursiva capaz de reordenar os enunciados, nomear aspirações difusas ou articulá-las de outro modo, logrando que indivíduos se reconheçam nesses novos significados.

O mesmo autor cita Foucault:

É precisamente no discurso que se articulam o poder e o saber. E por essa razão mesma, é necessário conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função táctica não é uniforme nem estável. [...] mas como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem atuar em estratégias diversas (FOUCAULT, 1977, p. 133, apud SADER, 1988, p. 59).

Evidentemente, Sader, baseando-se em Foucault, fala em novas matrizes discursivas, mas no caso da representação Londrina **Novo Eldorado** tem-se um discurso ditado por agentes interessados em atrair pessoas para a região, entre eles o capital imobiliário, com o objetivo de vender mais lotes da Companhia de Terras Norte do Paraná. Na representação **Londrina Metrópole**, trata-se de uma reapropriação da matriz discursiva do desenvolvimento, ou seja, da metropolização como símbolo e signo de um progresso sempre propagado na história londrinense. Essa representação veio ao encontro a pelo menos dois objetivos: vender as benesses de um “centro metropolitano” e satisfazer os interesses da classe política, que viu nesse discurso uma grande oportunidade de projeção.

As aspirações de se buscar a institucionalização da Região Metropolitana de Londrina geraram um discurso que vem sendo articulado desde a década de 1970. Num primeiro momento, com o projeto METRONOR, uma Metrópole Linear que ligaria a cidade de Londrina à cidade de Maringá, passando por mais uma dezena de cidades. Já naquela época se buscava, através deste discurso ancorado na representação **Metrópole Londrina-Maringá** e enunciado pelos técnicos do planejamento da esfera estadual e local que, de certa forma, detinham “**um saber**” e “**um poder**”, disseminar a ideia de uma nova identidade regional para as populações desses municípios, a identidade metropolitana.

Para Bourdieu (2001, p. 113), a luta a respeito da identidade regional é, antes de tudo, lutar por uma determinada classificação, uma luta pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão.

A região e as suas fronteiras, complementa o autor, não passam do vestígio apagado do **acto** de autoridade que consiste em circunscrever a região, o território, em impor a definição

legítima, conhecida e reconhecida, das fronteiras e do território, em suma, o princípio de **di-visão** legítima do mundo social.

Desta forma, a fronteira nunca é mais do que o produto de uma divisão a que se atribuirá maior ou menor fundamento na **realidade** segundo os elementos que ela reúne, tenham entre si semelhanças mais ou menos numerosas e mais ou menos fortes. “Cada um está de acordo em notar que as **regiões** delimitadas em função dos diferentes critérios concebíveis nunca coincidem perfeitamente” (BOURDIEU, 2001, p. 115). Neste caso, a realidade é social de parte a parte e as classificações mais “*naturais*” apóiam-se em características que nada têm de natural e que são, em grande parte, produto de uma imposição arbitrária, quer dizer, de um estado anterior da relação de forças no campo das lutas pela delimitação legítima.

A fronteira acaba sendo o produto de um **acto** jurídico de delimitação, produz a diferença cultural do mesmo modo que é produto desta:

A ciência que pretende propor os critérios mais bem alicerçados na realidade não deve esquecer que se limita a registrar um estado da luta das classificações, quer dizer, um estado da relação de forças materiais ou simbólicas entre os que têm interesse num ou noutro modo de classificação e que, como ela, invocam frequentemente a autoridade científica para fundamentarem na realidade e na razão a divisão arbitrária que querem impor (BOURDIEU, 2001, p. 115).

Desta forma, ainda para o mesmo autor, o discurso regionalista é um discurso performativo, que tem por objetivo impor como legítima uma nova definição das fronteiras e dar a conhecer e fazer reconhecer a região assim delimitada e, como tal, desconhecida até o momento, contra uma definição dominante, portanto, reconhecida e legítima, que a ignora.

O “*acto*” da magia social que consiste em tentar trazer à existência a coisa nomeada pode resultar se aquele que o realiza for capaz de fazer reconhecer à sua palavra o poder que ela se arroga por uma usurpação provisória ou definitiva, o de impor uma nova visão a uma nova divisão do mundo social: regere fines, regere sacra, consagrar um novo limite (BOURDIEU, 2001, p. 116).

É importante lembrar que o projeto METRONOR trazia consigo um discurso regionalista, a **Metrópole Linear Londrina-Maringá**, e que esse discurso teve sua origem nos técnicos do planejamento urbano, sobretudo, arquitetos e engenheiros, tanto das duas principais cidades do norte do estado quanto da capital, e foi muito bem recebido pelos políticos envolvidos nessas regiões. Por outro lado, este mesmo discurso regionalista gerou ações de resistência na capital do estado, já que a criação de uma metrópole linear do norte do estado acaba por esbarrar nos interesses políticos historicamente localizados na capital do estado.

Para Bourdieu, a eficácia do discurso performativo, que pretende fazer sobrevir o que ele enuncia no próprio **acto** de o enunciar, é proporcional à autoridade daquele que o enuncia. A autorização só é autorização se aquele que pronuncia está autorizado a autorizar, ou seja, tem autoridade para isso. Mas não é só isso, o efeito de conhecimento que o facto da objetivação no discurso exerce não depende somente do reconhecimento consentido àquele que o detém; depende também do grau em que o discurso, que anuncia ao grupo a sua identidade, está fundamentado na objetividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo, assim como nas propriedades econômicas ou culturais que eles têm em comum. “O mundo social é também representação e vontade, e existir socialmente é também ser percebido como distinto” (BOURDIEU, 2001, p. 118).

Desta forma, para este autor, a definição de realidade deve ser buscada desde que se leve em conta ao mesmo tempo que **o que é instituído** trata somente de uma resultante, num dado momento, da luta para fazer existir, no caso, a Região Metropolitana de Londrina, ou inexistir o que existe, no caso, Londrina como apenas mais uma cidade grande, e as **representações**, enunciados performativos, portanto, discursos que pretendem que aconteça aquilo que enunciam.

Pretendemos então considerar que o discurso regionalista da **Região Metropolitana de Londrina** é um desencadeamento dos discursos **Metrópole Linear Londrina-Maringá** e **Londrina Metrópole**. É formado sob uma representação social que vem ao longo de trinta anos sendo apropriada por “**autoridades**” que assumiram esse discurso, sobretudo por técnicos, engenheiros, arquitetos e políticos.

O desafio de procurar desvendar as origens desta representação **Londrina Metrópole** nos levou a procurar outros discursos que, também carregados de elementos simbólicos, estiveram presentes em determinados momentos da história dessa cidade e contribuíram assim com a construção e o desenvolvimento de outras representações sociais.

Sendo assim, este trabalho inicia sua análise a partir do período de formação e constituição do município de Londrina, com a representação social e seu discurso **Londrina Novo Eldorado**, que serviu entre outras coisas para a projeção desta região no cenário nacional na primeira metade do século XX. Um discurso carregado de simbologias e possivelmente um dos, se não o primeiro, a incrementar o imaginário dessa cidade e região.

3. A Representação Londrina Novo Edorado/Nova Canaã

A representação **Londrina Novo Eldorado, Nova Canaã**, está inserido dentro de outro discurso, mais abrangente, o **Discurso Norte do Paraná**. Para Tomazi (2000), esse discurso **Norte do Paraná** é propagado desde os primórdios de sua **(re)ocupação** - esse autor considera que toda

ocupação realizada nessa região no século XX não passa de uma re-ocupação, por essa região ser habitada por índios e caboclos desde o século XIX - na década de 1920 e 1930, em jornais, revistas, artigos, livros e, mais recentemente, em dissertações de mestrado e teses de doutorado. Para esse autor, existe uma unanimidade nesse discurso que escamoteia uma outra versão da história e produz o que pode ser entendido por **fantasmagorias**, isto é, como manipulações que visam manter a estrutura de dominação através de um processo hegemônico de criação e disseminação da memória histórica (TOMAZI, 2000, p. 24 e 25).

Tomazi relata que o discurso **Novo Eldorado** é utilizado para toda a região norte do estado do Paraná e aparece já nos relatos de Plaisant (1908) da seguinte forma:

A terceira exploração, a mais conhecida de todas, foi feita sob as ordens do Capitão-General de São Paulo, D. Luiz Antonio de Souza Botelho e Mourão, Morgado de Mourão, que enviou para Paranaguá o seu primo e ajudante de Ordens, Tenente Coronel Afonso Botelho de Sampaio e Souza, com a missão aparente de descobrir a famosa Serra do Apucarana, **que a lenda transformara em novo El Dorado**, mas com o oculto desígnio de conquistar a província castelhana do Paraguai, em represália às forças de Buenos Aires que haviam desalojado do Rio Grande do Sul os portugueses (PLAISANT, 1908, apud TOMAZI, 2000, p. 146, grifo nosso).

Muitos foram também os panfletos que apareceram visando atrair imigrantes para o Paraná. Um deles, escrito em francês, dizia o seguinte:

Aqui vai a propaganda de uma terra admirável, quase desconhecida dos estrangeiros, eu espero que minha audácia (de escrever em francês) ilustrará a divulgação do progresso e das belezas naturais do meu Paraná – **nova Chanaan** – [...] onde bando de aves volteiam no ar, onde as florestas são ocultos tesouros, onde as montanhas são de ouro e os rios de esmeralda, onde os luars são envolventes e os nasceres do sol tem a cor de rosas frescas. (MUNHOZ, 1907, p. 10/11, apud TOMAZI, 2000, p.146, grifo nosso).

O jornal **O Estado do Paraná**, em sua edição de 16 de janeiro de 1925, publica um editorial com o título: “A Zona Norte-Paraná”, em que procura chamar a atenção para as necessidades de mais e melhores estradas para escoar a produção do café:

Alonga faixa de terra roxa que abrange os municípios do norte do Estado incomparavelmente fértil, esteve, por muito tempo, insulada de nossa vida econômica, por falta absoluta de vias de comunicação. Ouvíamos falar dessa região e da sua assombrosa uberdade, como quem ouve a narrativa vaga da existência de uma terra fabulosa.

[...] Incontestavelmente, o Norte do Paraná há de ser, em breves dias, o **El Dorado** sonhado por Francisco Orelhana, transmutando em searas de ouro todas as sementes que ali foram plantadas (**O Estado do Paraná**, 1925, p.1, apud TOMAZI, 2000, p. 178, grifo nosso).

Tomazi evidencia que o discurso **Norte do Paraná** é construído assim pelos que vivem fora dessa região ou por aqueles que, vivendo nela, querem que seja vista como uma alternativa a mais para o progresso do Paraná.

4. Terras Da CTNP: “O Novo Eldorado”

Entre 1925 e 1927, a Cia de Terras Norte do Paraná – CTNP adquiriu 515.017 alqueires na região norte do estado, sua maioria na região de Londrina e Maringá com o objetivo de se plantar algodão num primeiro momento, mas que logo é alterado para um dos maiores empreendimentos imobiliários do país na época. Uma outra versão defende que o verdadeiro objetivo sempre foi vender terras. Assim, se inicia um intenso processo de propaganda e vendas que vão dar mais impulso a já então existente representação **Novo Eldorado**.

A intensa propaganda detonada pelo capital colonizador não partiu, portanto, de um grau zero de significação, **não partiu de uma pura criação e difusão de imagens novas, sem referentes sociais a lhe servirem de base. Ao contrário, as companhias de terras se apropriaram de representações existentes**, redimensionalizando e instrumentalizando imagens que já circulavam, de forma ainda difusa e restrita, sobre aquelas portentosas terras sertanejas. Elas não apenas se apoderaram daquelas imagens correntes, utilizando-as em proveito do grande projeto, como potencializaram o conteúdo delas, ao mesmo tempo que inseriram significados novos decorrentes do novo contexto conjuntural em que se deu a efetuação desses empreendimentos.

[...]

Como item de uma prática mercantil que tinha nos loteamentos rurais seu principal objeto de comércio e especulação, a propaganda difundirá alhures **o mito de uma terra da promessa, região de prosperidade generalizada, paraíso sócio-econômico da pequena propriedade**, onde a igualdade de condições e a amplitude de oportunidades, asseguradas em última instância pela fertilidade inigualável da terra, permitiriam a todos uma ascensão rápida e assegurada (BENATTI, 1996, p. 52, grifo nosso).

Nessa citação de Benatti fica claro como a representação Novo Eldorado foi de grande valia para os interesses imobiliários da empresa colonizadora.

As propagandas das terras da CTNP se disseminaram pelo Brasil principalmente nos estados de Minas Gerais, São Paulo e no próprio Paraná, estado este que passava a receber por extensão a cafeicultura paulista em declínio. No exterior ocorreram em alguns países europeus como Alemanha, Polônia, Áustria e Itália, quando Lord Lovat, nos anos de 1930/31, tornou-se grande agente/vendedor da Paraná Plantations/CTNP.

Os efeitos da representação **Novo Eldorado, Nova Canaã** no imaginário popular pode ser percebido no artigo de Zimmermann (1955), que escreve sobre quando conheceu a região norte do estado do Paraná, em 1932:

Londrina resumia-se, naquela época, em um barracão para os serviços de administração da Companhia de Terras Norte do Paraná, um outro barracão, para a hospedagem dos compradores de terras, um hotel construído de madeira e mais ou menos trinta ranchos primitivos.

Entretanto nesta época, já havia se espalhado por toda a parte a notícia da descoberta da **nova Canaan**, das fabulosas terras do Norte do Paraná e já estava em plena evolução o formidável “rush” de uma onda humana procedente de todo o Brasil e do exterior que para lá demandava, a fim de fixar-se na **terra da promessa** (ZIMMERMANN, 1955, p. 22, grifo nosso).

Na década de 30, as propagandas da CTNP continuaram e apareciam em vários jornais e revistas do Brasil, como se vê na própria publicação comemorativa do cinquentenário da Cia de Terras:

Em 1934, o renome da expansão promovida pela Companhia de Terras já corria muito. A fama da região logo transpôs suas próprias fronteiras no Tibagi e as do Estado em todos os quadrantes, rapidamente se divulgou pelos rincões brasileiros e, ultrapassando as lides nacionais, ecoou no Exterior como sendo a “**Terra prometida**”, o lendário “**Eldorado**” **sul-americano** (COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ, 1977, p. 255, grifo nosso).

Com a Segunda Grande Guerra, em 1944, chega ao fim o período da fase inglesa na região com a venda/transferência da Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP e da Ferrovia ao governo brasileiro. A partir desse ano a CTNP passou para as mãos de empresários brasileiros, que continuaram com a venda incessante dos lotes e conseqüentemente com a propaganda das terras e com a utilização do discurso **O NOVO ELDORADO, A NOVA CANAÃ**.

O mesmo discurso pode ser visto com maior veemência em Barroso (1956), quando procura conceituar socialmente o norte do Paraná:

Socialmente, o norte do Paraná, é o “tira-teima” de muita doutrina fazendeira antiquada; o feliz consórcio de muitas e muitas raças[...]. Só mesmo quem vive lá é que poderá ter alguma vaga idéia do que seja esta “Nova Babilônia”. Por fim, **o famoso Norte do Paraná é a Nova Terra prometida, a Nova Canaan**, onde todo o mundo espera fazer fortuna rápida e facilmente... É a terra onde, em verdade, se pisa sobre o dinheiro... É um presente do Céu às pessoas de boa vontade. É uma chama do Inferno para aqueles que só visam a exploração indébita, anti-humana, anti-nacional, tornando a vida impossível lá onde ela deveria ser a mais fácil em todo o território nacional. (BARROSO, 1956, p. 7, grifo nosso).

É importante ressaltar que nesta época já existiam também alguns discursos contrários a essa ideia de **Novo Eldorado, Nova Canaã** como destaca Silva (1961):

O Colono é o que podemos chamar de protótipo do escravo branco, do agregado à terra, sempre condenado a viver na miséria, na submissão, no sofrimento. Vive sob um regime de trabalho antiquado de exploração rural em que, submetido à mais

severa subordinação, ainda se obriga a prestar serviço gratuito, e a trabalhar por preço inferior ao justo e legal. Seu salário não atinge sequer 50% do mínimo legal, e ainda está sujeito à multa, vale, “barracão”. Se o colono não suporta a rigidez deste regime de trabalho é demitido sem aviso prévio, sem paga alguma; se é o colono que se demite a procura de melhor contrato (coisa rara), então sua “mudança” ou seus misérrimos mantimentos são apreendidos pela fazenda para pagamento de multa imposta pelo descumprimento de contrato, ou para pagamento de dívidas que, em complemento ao salário de fome, foi obrigado a contrair. Salário mínimo, férias, assistência médica, higiênica são direitos proibidos para o colono; reivindicá-los sempre representou malandragem, subversão, comunismo (SILVA, 1961, p. 58).

Apesar de ter existido, esse contra-discurso não era divulgado, mas serve para demonstrar que o **Eldorado** não era tão maravilhoso quanto se propagava. Por outro lado, a representação **Novo Eldorado** servia para atrair novos compradores de terra, mão de obra barata e encobrir as mazelas do fatídico progresso relatado na citação acima.

Em finais da década de 1950, a CTNP, que em 1953 passou a chamar-se COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ – CMNP, havia loteado uma área com mais de 500 mil alqueires, distribuídos em 41.741 lotes rurais e quase 70 mil lotes urbanos, e fundado vários centros urbanos, incluindo as cidades que passaram a fazer parte do eixo Londrina-Maringá.

Por outro lado, a CMNP continuava propagando o discurso das qualidades do **Novo Eldorado**, como pode ser visto no encarte do jornal **O Estado de São Paulo** em sua edição de 15 de janeiro de 1965, em comemoração aos quarenta anos da Companhia com o título: “CERTEZA DE LUCRO E GARANTIA DO DIREITO DE PROPRIEDADE COLONIZARAM O NORTE DO PARANÁ”.

Segundo Tomazi, o discurso **Norte do Paraná**, que inclui o discurso **Novo Eldorado**, passa a ter nos anos 70, 80 e 90 novos críticos e novos propagadores, principalmente em trabalhos como artigos, dissertações e teses de autores ligados à academia, o que contribuiu para que esse discurso continuasse vivo até os dias de hoje.

Londrina, na condição de ter sido escolhida para a sede da Cia de Terras, se firmou como importante centro na fase pioneira. O dinamismo de sua agricultura, principalmente a cafeicultura, fez com que esta cidade crescesse rapidamente e alcançasse o status de **Capital Regional** nas décadas de 50 e 60, o que também lhe conferia o título de **Capital Mundial do Café**, devido principalmente, ao rápido crescimento físico (incluindo a verticalização) e demográfico que essa cidade passou a ter a partir da segunda metade do século XX.

4. O Eldorado torna-se capital regional

Para Nakagawara (1985, p.4), a atuação da Cia. de Terras atraiu novos empreendimentos de ocupação, tanto por iniciativa de particulares como oficiais. A procura e a consequente valorização das terras atraíram outros tipos de investimentos, nas áreas comerciais, industriais e de serviços. No norte do Paraná, formou-se uma densa rede urbana comandada por Londrina, mas dentro da extensa área de interiorização e influência paulista.

O processo de evolução do capitalismo no Brasil nos anos 60 e 70 e as intensas geadas nesse período trouxeram consequências como a mudança do uso do solo na região, onde a cultura permanente do café passou a ser substituída pelas culturas temporárias da soja, trigo e milho. A implantação de novas técnicas agrícolas, novos produtos, a utilização de insumos modernos, a mecanização crescente da agricultura e a implantação da legislação da atividade rural, como o Estatuto do Trabalhador Rural de 1963, que serviu mais para acabar com a relação de trabalho no campo do que para regulamentá-la, provocaram uma maior liberação da população rural. Esses fatores colaboraram com o esfacelamento das pequenas propriedades rurais, com o êxodo rural e a decadência de muitos núcleos urbanos norte-paranaenses.

Bragueto (1996, p. 258), em seu estudo sobre a inserção da microrregião geográfica de Londrina na divisão territorial do trabalho, considera três períodos de análise: a) de 1930 a 1962, em que há o avanço e o predomínio da agricultura; b) de 1962 a 1975, em que tem início o processo de transformação da estrutura agrária, num primeiro momento com o declínio da cafeicultura e expansão da pecuária e, num segundo momento, com o avanço das culturas temporárias mecanizadas, em conformidade com o novo padrão de acumulação do país; e c) de 1975 a diante, em que a industrialização da agricultura, iniciada no período anterior, se consolida.

A substituição da lavoura permanente (café) pelas temporárias (soja, trigo e milho), que foram altamente incentivadas via crédito e que são quase que totalmente mecanizáveis em todas as etapas do processo produtivo, fez com que ocorresse uma generalização da tecnificação no campo, transformando a Microrregião Geográfica de Londrina. Trata-se de uma das regiões do país onde tal processo foi mais intenso e a rapidez, intensidade e tipo de tecnologia implementada foram os principais responsáveis pelas profundas transformações na estrutura fundiária e nas relações de trabalho ocorridas na região a partir de 1970. A partir daí, Londrina passa a se transformar numa cidade cada vez mais comercial e prestadora de serviços.

Todas essas transformações influenciaram no desenvolvimento das cidades do norte do Paraná. Muitas entraram em decadência, devido ao êxodo rural, para outros centros num primeiro momento e, conseqüentemente, ao êxodo urbano, com a perda de sua população também na área urbana.

Outras cidades passaram a crescer num ritmo mais acelerado, devidamente pelo afluxo dessa população migrante do Estado que passou a habitar suas periferias, como é o caso de Londrina.

Desta forma passa a ocorrer uma intensa urbanização não só da cidade de Londrina, mas de suas cidades vizinhas, Cambé e Ibiporã, que juntas acabaram por formar o início do aglomerado Londrina-Cambé-Ibiporã na década de 70. O desenvolvimento populacional desse aglomerado e do eixo Londrina-Maringá como um todo ajudou a difundir o discurso **Londrina Capital Regional** e as representações **Metrópole Londrina-Maringá** e, conseqüentemente, **Londrina Metrópole**.

De 1950 a 1970, em vinte anos, a população urbana da cidade de Londrina passou de pouco mais de 34 mil habitantes para mais de 163 mil habitantes. Nesse período a cidade não só se expande para seus quatro quadrantes, quando tem início a aproximação com a cidade de Cambé, como passa a se verticalizar e ganhar “ares” de cidade grande e moderna. A construção de vários edifícios modernos por Vila Nova Artigas, no início da década de 1950, entre eles a Estação Rodoviária, hoje Museu de Arte de Londrina, o Conjunto Cine Teatro Ouro Verde e Edifício Autolon, e a antiga Casa da Criança, hoje Secretaria Municipal da Cultura, colaborou com esse fato. Isso está relacionado à própria condição de Londrina de manter desde seu início contatos com localidades e culturas diferentes:

Para realização do papel de cidade moderna e pioneira, foi fundamental, entre muitos outros fatores, que Londrina mantivesse contatos com localidades distantes, em geral, grandes centros urbanos nacionais e mesmo internacionais. Esta necessidade possibilitou o seu acesso a culturas, valores, formas de produção e consumo diferentes. Tais contatos, associados ao fato de, em Londrina, chegarem pessoas procedentes de diferentes cantos do país e do exterior favoreceram a consolidação de um meio urbano aberto para o mundo e para a diversidade, isento, por assim dizer, do aspecto provinciano característico de muitas cidades do interior do Brasil. Esta condição chegou até a dificultar o surgimento de marcas de uma tradição local, ao mesmo tempo que mostrava nuances cosmopolita. **A modernidade em Londrina nunca poderia ser recusada.** E efetivamente nunca foi. Londrina nunca impôs resistência à incorporação de inovações (LINARDI, 1995, p. 230, grifo nosso).

O fato de Londrina ter sido colonizada por uma empresa inglesa, ter recebido forte influência da cidade de São Paulo - cidade que se tornava o centro econômico do país - e sempre aberta para receber imigrantes de várias nacionalidades trouxe para Londrina a característica de também receber ideais de uma modernidade que se propagava rapidamente no pós-guerra.

6. O Projeto METRONOR e o início da representação “Londrina Metrópole”

Todos esses fatores, juntamente com o expressivo crescimento, que também ocorria com as cidades de Maringá, Apucarana e Araçongas, entre outras, fez do eixo Londrina-Maringá uma das

regiões mais densamente povoadas e com significativas taxas de crescimento econômico e populacional no início da década de 70. Esses fatores, somados às influências decorrentes do surgimento das regiões metropolitanas brasileiras em 1973, foram suficientes para despertar no meio de segmentos sociais, como técnicos do planejamento paranaense, um projeto de desenvolvimento regional voltado para o eixo Londrina-Maringá: O PROJETO METRÓPOLE LINEAR NORTE DO PARANÁ – METRONOR objetivava, além da incrementação das atividades industriais, promover a integração econômica e regional pelo desenvolvimento de todos os setores.

Segundo o Plano Diretor do Eixo Londrina-Maringá, vários trabalhos técnicos datados do início da década de 1970 consideravam esse eixo como a região metropolitana mais efetiva do estado naquele momento:

Conquanto esses trabalhos concordassem ser o Eixo Norte, à época, o de maior coesão dentre os três eixos, **constituindo a região metropolitana mais efetiva do Paraná** – mercê, tanto da proximidade física de seus centros componentes, quanto do expressivo feixe de infra-estrutura existente entre eles (PARANÁ, 1980, p. 1/7, grifo nosso).

Esta citação é importante, pois mostra que não era apenas um único trabalho, ou um único grupo de técnicos que via o eixo Londrina-Maringá com características de uma região metropolitana na época. São trabalhos que datam de 1973, por coincidência o ano da aprovação da Lei complementar nº 14, que instituiu as primeiras regiões metropolitanas brasileiras.

Apesar da constatação acima, foi no espaço do Eixo Leste que vicejou o surto de industrialização do Estado, iniciado na década de 70, não apenas por se localizar aí a capital do Estado e uma das metrópoles oficiais do país, mas devido também à criação da Cidade Industrial de Curitiba – CIC e do Distrito Industrial de Ponta Grossa – DIPG, que ensejou em um momento favorável da conjuntura nacional as condições necessárias à instalação de novas indústrias na região.

Devido aos bons resultados das iniciativas voltadas ao fomento da industrialização na área do Eixo Leste, para o qual contribuiu também a implementação da Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba – COMEC, decidiu a SEPL que era necessário providenciar ações semelhantes com relação ao Eixo Norte, o Eixo Londrina-Maringá, acatando as recomendações contidas no documento Planos Industriais Leste, Norte e Oeste-PRI. (PARANÁ, 1980, p. 1/7).

Desta forma, deu-se início ao que viria a ser o projeto da Metrópole Linear Norte do Paraná no eixo Londrina-Maringá, em razão de aí se concentrar a maioria dos estabelecimentos industriais da Região Norte do estado e devido aos problemas que esse sistema urbano começava a apresentar. Foi constatada, de um lado, a conveniência de aproveitar-lhe a potencialidade, seja pela

ação polarizadora sobre a região, seja pelas vantagens locais para o desenvolvimento industrial; e, de outro, a necessidade de corrigir as distorções que se manifestavam em seu estágio de urbanização, bem como de introduzir maior racionalidade no processo de crescimento.

O METRONOR se inicia no ano de 1977 e perdura até 1989. Nesses doze anos de existência pouca coisa saiu do papel e conseguiu se efetivar, pois questões políticas acabaram subtraindo os objetivos principais do projeto (CUNHA, 2007, p. 35 e 36). Porém, durante esse período, o METRONOR colaborou em disseminar a representação Londrina MetrÓpole, como podemos ver nas matérias publicadas pelo jornal Folha de Londrina, principal jornal de circulação regional, das quais selecionamos algumas:

A primeira matéria sobre o Projeto METRONOR data de 20.10.77, com o Título: “EIXO LONDRINA-MARINGÁ TERÁ PLANEJAMENTO METROPOLITANO” (EIXO... Folha de Londrina, edição de 20 de outubro de 1977, p. 5). Essa reportagem cita que as Universidades de Londrina – UEL e Maringá - UEM assinarão, em dias próximos, com o Secretário de Planejamento convênio para a elaboração de projeto visando à organização do espaço metropolitano de 11 municípios localizados na área do eixo, sendo eles: Ibiporã, Londrina, Cambé, Rolândia, Araçongas, Apucarana, Cambira, Jandaia do Sul, Mandaguari, Marialva e Maringá. As universidades eram vistas naquele momento como “representantes da comunidade técnica e acadêmica regional e via de participação desta comunidade no processo”; tudo isso em plena ditadura militar.

A reportagem especial **Em Busca do Crescimento Ordenado**, publicada entre dezembro de 1977 e janeiro de 1978, traz a manchete: “NA DÉCADA DE 90 UMA METRÓPOLE AO LONGO DO EIXO LONDRINA-MARINGÁ”:

As soluções para os problemas do setor estarão – conforme frisa o documento da secretaria de Planejamento – referenciadas ao marco de políticas mais abrangentes, uma vez que este precisa de uma definição adequada dos padrões de organização do território, para sua completa viabilização, **porque dentro de 10 e 15 anos formarão uma grande metrÓpole.** (NA DÉCADA... Folha de Londrina, CDPH/UEL, Série Geral, Disco 96, Filme 98, imagem 140 e 141, grifo nosso).

A edição de 12.10.78 traz em sua primeira página a manchete: “METRÓPOLE DO NORTE” e a matéria intitulada “METRONOR JÁ TEM PRÉ-DIAGNÓSTICO” em sua página 9. Nessa reportagem são destacados os três importantes elementos a serem enfocados na fase seguinte dos trabalhos: o sistema de transporte, o problema do saneamento regional e o desenvolvimento industrial. Vale destacar o seguinte trecho da matéria:

[...] o levantamento de dados, o estudo acurado, as conclusões obtidas, levantamento de gráficos e mapas, forma hoje um conjunto de informações de grande importância para o conhecimento desta região, que em seu rápido desenvolvimento fez surgir **uma verdadeira metrópole no eixo Londrina-Maringá**. (METRÓPOLE... Folha de Londrina, edição de 12.10.1978, p. 1 e 9, grifo nosso).

A edição de 17.06.79 traz a matéria intitulada “PROJETO DA FREE-WAY ENTRE MARINGÁ E LONDRINA ABANDONADO TEMPORARIAMENTE” (PROJETO... Folha de Londrina, edição de 17.06.1979. CDPH/UEL, Série Geral, Disco 96, Filme 98, imagem 147). Nesta reportagem o Secretário de Planejamento alega que outros projetos mais urgentes fizeram com que o projeto da **Free-way**, uma rodovia que ligaria Londrina à Maringá diretamente, fosse postergado.

A matéria “SURGE A METRÓPOLE LINEAR DO NORTE” (Folha de Londrina, edição de 28.11.1980, p. 20), publicada após a assinatura do convênio com o Ministério do Interior significou que o Governo Federal reconhecia o METRONOR mesmo antes de os prefeitos terem se decidido pela sua criação, já que até então as reuniões não haviam avançado. Vale destacar dois trechos dessa matéria, um em que a região do METRONOR é considerada mais viável que a Região Metropolitana de Curitiba:

A Região Metropolitana do Norte, capaz de abrigar até cinco milhões de pessoas, é uma das maiores do País. **E em termos de dinamismo, densidade demográfica e diversificação econômica suplanta a Região Metropolitana de Curitiba**. O Governo do Estado considera que a metrópole já existe. (Grifo nosso).

E outro trecho, em que a região do eixo Londrina-Maringá é comparada a Metrópole de Los Angeles nos Estados Unidos:

O crescimento da região do eixo é comparado ao processo que mais tarde resultou na gigantesca metrópole assentada ao longo de 140 km de extensão em Los Angeles. Essa metrópole foi se formando à medida que a concentração populacional acompanhava os trilhos de uma estrada de ferro. Neste processo de expansão, Los Angeles foi, gradativamente, anexando cidades que se encontravam no seu caminho, como San Pedro, Wilmington e Venice. E envolvendo outros municípios como Beverly Hills, Vernon e San Fernando, até alcançar o Pacífico. (SURGE...Folha de Londrina, edição de 28.11.1980, p. 20, grifo nosso).

Desta forma, as matérias, das quais escolhemos apenas algumas, vão se sucedendo. No entanto, como foi citado, os problemas de ordem política acabaram corroendo o METRONOR e no final da década de 1980 este projeto fazia parte de um passado que conta um capítulo da história do Planejamento Regional no Norte do Paraná (CUNHA, 2007, p. 5). Um projeto que tentou idealizar uma proposta inédita, algo que fugia a tudo que existia até então no Brasil: uma metrópole linear no interior de uma região agrícola. Desde o termo de referência em 1977 até o fim do projeto em 1989,

foram mais de dez anos de trabalhos tentando implantar um plano de desenvolvimento para o eixo Londrina-Maringá. Influenciado em suas várias fases por questões políticas e até eleitoreiras, e por outro lado pela falta de articulação política entre os vários agentes envolvidos, principalmente aqueles do norte do Paraná, o projeto entrou em decadência até vir a ser extinto.

O ano de 1986 foi o que marcou praticamente o fim do Projeto METRONOR. Sem conseguir sua institucionalização e conseqüentemente sem recursos para alavancar seus projetos de quase dez anos, o projeto já muito desgastado por denúncias e sem conseguir resultados efetivos entrou em estado terminal.

O ano de 1987 não foi diferente. A reportagem “METRONOR, PROJETO FALIDO” (METRONOR...Folha de Londrina, edição de 27.11.87, p. 10.) mostra que o projeto: “[...] após dez anos de exaustivas reuniões de lideranças, principalmente prefeitos, não saiu do papel e parece estar mesmo condenado à falência por falta de recursos e de interesses das autoridades”.

Depois de mais de dez anos de projetos, reuniões, tentativas de institucionalização, acordos políticos e eleitoreiros, denúncias e desmandos, o Projeto METRONOR chegou ao fim. A reportagem de 28.02.89, com o sugestivo título “A METRÓPOLE DE PAPEL”, faz uma síntese do que foi o projeto: “O sonho de uma metrópole linear interligando treze municípios do eixo Londrina-Maringá nos anos 90, que mobilizou milhões de dólares durante uma década inteira, não saiu do papel”. (A METRÓPOLE... Folha de Londrina, edição de 28.02.1989. CDPH/UEL, Série Geral, Disco 96, Filme 98, imagens 199).

Apesar de não conseguir êxito em sua efetiva implantação, o Projeto METRONOR, pela sua irreverência, semeou as primeiras ideias de uma metrópole linear no interior do país, ao considerar o eixo Londrina-Maringá como uma única região metropolitana num futuro não distante. As constantes articulações entre técnicos e políticos nas esferas municipal, estadual e federal, e as crises pelas quais passou o projeto foram divulgadas pela imprensa local e regional e colaboraram com a disseminação da representação **Metrópole Londrina-Maringá**, e conseqüentemente **Londrina Metrópole**, o que potencializou nessas duas cidades a possibilidade de futuras Regiões Metropolitanas no discurso regional, projeto esse que veio a se institucionalizar com a criação destas distintas regiões metropolitanas no final da década de 1990.

Com o processo de redemocratização do país e a nova constituição de 1988, na década de 1990, iniciam-se projetos de origem parlamentar para aprovar e institucionalizar outras Regiões Metropolitanas no Estado do Paraná, entre elas a Região Metropolitana de Londrina e a Região Metropolitana de Maringá, agora separadas e com projetos individuais. Moura e Firkovski (2001) elaboram uma importante análise crítica deste processo de institucionalização, sem critérios, de Regiões Metropolitanas pelo país. Até mesmo Apucarana chegou a enviar um projeto **não aprovado** pelo governo estadual para a criação de sua própria Região Metropolitana, o que justifica

o motivo de Apucarana não constar como participante da Região Metropolitana de Londrina, uma aberração, haja vista a proximidade e as históricas relações cada vez mais intensa entre esta cidade, Araçongas e Londrina.

No caso de Londrina, a representação **Londrina MetrÓpole** gerada nos anos 1970 teve um importante papel na institucionalização de sua Região Metropolitana, como pode ser visto no Parecer favorável ao Projeto de Lei Complementar 357/97, que institucionalizou a Região Metropolitana de Londrina. O documento é emitido em 03 de junho de 1998 pela COORDENADORIA DE INTEGRAÇÃO REGIONAL DA SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO DO ESTADO DO PARANÁ, a mesma que incentivou e gerenciou o Projeto Metronor duas décadas antes. Cabe realçar dois argumentos do referido parecer:

- a) há um processo configurado de **metropolização** no eixo norte do Paraná desde os anos 70, tornando Londrina a terceira cidade do Sul do Brasil, com uma área de influência (econômica, social, cultural, serviços urbanos) que extrapola o território paranaense.
- b) O município pólo (Londrina) vem deslocando parte de seu potencial de atração migratória para os municípios vizinhos, visto que obtém um crescimento demográfico menor que estes, ocorrendo um **fenômeno tipicamente metropolitano** de transbordamento populacional. (PARANÁ, 1998, apud CUNHA, 2005, p. 188-190, grifo nosso).

Cabe assinalar que o Parecer Favorável é assinado pelo Arquiteto e Urbanista Sr. Gilberto Bueno Coelho, Coordenador de Integração Regional da Secretaria de Planejamento, e que na década de 1970 fora coordenador da área de estudos e projetos da mesma secretaria e incumbido de realizar o Termo de Referência para o Plano Diretor para o Eixo Londrina-Maringá, um dos primeiros estudos que culminou no PROJETO METRONOR. Em entrevista concedida no mês de abril de 2002, ele relata esse processo anterior:

[...] Daí eu recebi esta encomenda que era de fazer os termos de referência para orientar a posição do Estado em relação ao eixo norte, pois a proposta já estava lá... Daí estudando as propostas anteriores, e dado os antecedentes históricos, **estávamos diante de um conjunto de cidades com alto dinamismo e um grande potencial de integração** que, se reforçada, se estimulada, elas poderiam continuar evoluindo sem perda de sua identidade histórica, mas evoluindo de forma a se somarem, fortalecendo, privilegiando as opções alocativas ao longo do eixo e não no sentido radial concêntrico a partir de cada núcleo urbano. Daí surgiu a idéia de um cenário não muito longínquo destas cidades estarem integradas ao longo desse eixo, **o que seria a MetrÓpole Linear** [...]. (Gilberto Bueno Coelho, apud CUNHA, 2005, p.116, grifo nosso).

Para o ex-deputado Eduardo Trevisan, autor do projeto que instituiu a Região Metropolitana de Londrina, em entrevista concedida em outubro de 2003, a ideia surgiu de

conversas com um colega ex-deputado. Foram aproveitados dados e informações do IBGE e do IPARDES para o projeto, que não teve grandes dificuldades na aprovação já que:

O projeto foi inovador porque representava a **primeira região metropolitana** do interior do Paraná. Entendo que Londrina já reúne as características necessárias para se organizar como região metropolitana. Há o problema da “conurbação urbana” e os problemas das cidades que compõem a região são comuns a todos. Organizados em torno de uma região metropolitana, os municípios ficam mais fortes para buscar os recursos necessários para a solução de seus problemas. (Ex-Deputado Eduardo Lacerda Trevisan, apud CUNHA, 2005, p. 196, grifo nosso).

Embora a **Região Metropolitana de Londrina** ainda hoje seja uma instituição heterônoma, sem orçamento próprio e a mercê das vontades do governo estadual, sendo utilizada inclusive como cabide de cargos políticos para partidos que se revezam no poder do estado, é inegável que o fato de ser autor de um projeto de lei dessa natureza trouxe naquele momento significativos dividendos políticos para o Deputado, haja vista que a institucionalização da referida região metropolitana também envolvia mais sete outros municípios e parte de suas respectivas classes políticas que se gabavam em participar de uma **Região Metropolitana**.

Este trabalho defende a ideia de que o processo de institucionalização da Região Metropolitana de Londrina sofreu influências do Projeto Metronor dos anos 1970, projeto este que gerou e disseminou a representação **Londrina Metrópole** para esta cidade e região.

7. Considerações Finais

As representações sociais como parte do imaginário social de uma sociedade possuem, conforme Castro, um forte componente político em conjunto com um forte componente espacial devido ao poder simbólico atribuído aos objetos geográficos naturais ou construídos. No caso de Londrina pode-se considerar a representação **Novo Eldorado** mais ligado aos objetos naturais e a representação **Londrina Metrópole** mais relacionada aos objetos construídos.

Essas representações se caracterizam por serem ideológicas, pois se distanciam do vivido, se multiplicam e passam a impor novas práticas sociais e a impor valores defendidos por determinadas classes.

Em Londrina, a Representação **Novo Eldorado**, caracterizada principalmente pela alta fertilidade do solo, foi importante na primeira metade do Séc. XX para incentivar uma reocupação comandada naquele momento pelo capital internacional. Colaborou para vender terras, atrair compradores de lotes, mão de obra para as grandes lavouras e encobrir a exploração capitalista que se realizava no interior do “Eldorado”. Já a representação **Londrina Metrópole** se utiliza, num outro momento, de outros atributos desse espaço geográfico, como o seu rápido crescimento populacional, sua vertiginosa verticalização, e um processo de conurbação com as cidades próximas

de Cambé e Ibiporã. Essa representação surge de um projeto de planejamento regional idealizado por técnicos do planejamento que aos poucos foi sendo incorporada por políticos, que passam a defender uma Metrópole Linear no Norte do Paraná através do Projeto METRONOR nos anos 1970 e 1980 e conseqüentemente a própria **Região Metropolitana de Londrina** institucionalizada nos anos de 1990. A assimilação e defesa dessa representação trazem ganhos significativos principalmente para a classe política da cidade polo e demais municípios da região metropolitana, mas também para o mercado imobiliário, que busca vender a imagem da “**metrópole interiorana**” e do virtuoso polo regional .

Por outro lado, os atributos espaciais desta “**Londrina Metrópole**”, principalmente na área onde há uma efetiva aglomeração (Ibiporã, Londrina e Cambé), contribuem para a propagação desta representação no imaginário social, sobretudo quanto à expansão urbana da cidade de Londrina, que rompe limites municipais, e sua verticalização sempre expressiva. Além disso, esse discurso, também tem a capacidade de se alimentar de seus próprios atributos, isto é, ele se retroalimenta, contribuindo de forma mais intensiva com a propagação desta representação.

A representação **Londrina Metrópole** e seu discurso **Região Metropolitana de Londrina** visa impor este agrupamento de municípios frente ao próprio poder local, como as prefeituras envolvidas da região, mas também perante o governo estadual. A questão é que nenhuma dessas duas esferas admite perder poder frente a essa nova regionalização e o resultado disso se inscreve, de um lado, na morosidade em se implementar efetivamente a **Região Metropolitana de Londrina** - já perdura por mais de doze anos uma **Região Metropolitana** que apenas existe legalmente - e, de outro, no agravamento de problemas que ultrapassam as fronteiras municipais e que exigem um equacionamento metropolitano, principalmente nas cidades contíguas a Londrina, como Cambé e Ibiporã.

Referências

A METRÓPOLE de papel. **Folha de Londrina**, edição de 28.02.1989. CDPH/UEL, Série Geral, Disco 96, Filme 98, imagens 199.

A ZONA Norte-Paraná. **O Estado do Paraná**, Curitiba, edição de 16 de janeiro de 1925, p. 1.

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e Teorias de Gêneros. **Cadernos de Pesquisa**. N. 117. p. 127-147. novembro/2002.

BARROSO, V. **Famoso norte do Paraná: terra onde se anda sobre o dinheiro**. Caxias do Sul: Ed. São Miguel, 1956, p. 7.

BENATTI, A. P. **O centro e as margens: boêmia e prostituição na “capital mundial do café” (Londrina: 1930-1970)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba. 1996.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

- BRAGUETO, C. R. **A inserção da microrregião geográfica de Londrina na divisão territorial do trabalho.** 258 p. 1996. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, USP, São Paulo. 1996.
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CASTRO, I. E. de. Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação. In: CASTRO, I. E.; CORRÊA, L. R.; GOMES, P. C.C (Orgs). **Explorações Geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização e desenvolvimentos do Norte do Paraná.** Publicação comemorativa do cinquentenário da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP). São Paulo, 1977, p. 255.
- CUNHA, F. C. A. da. Metronor – Metrôpole Linear Norte do Paraná: Um Resgate do Planejamento Regional no Norte do Paraná nas décadas de 1970 e 1980. **Geografia** - v. 16, n. 1, jan./jun. 2007 – Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências.
- _____, **A Metrôpole de Papel: A representação Londrina Metrôpole na institucionalização da Região Metropolitana de Londrina.** 240 p. 2005. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Universidade Estadual Paulista, UNESP, Pres. Prudente. 2005.
- EIXO Londrina-Maringá terá planejamento metropolitano. **Folha de Londrina**, edição de 20 de outubro de 1977, p. 5.
- ELIADE, M. **Imagens e símbolos.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FOUCAULT, M. **A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1977.
- FRANCO, M.L.P.B. Representações Sociais, Ideologia e Desenvolvimento da Consciência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p.169-186, jan./abr. 2004.
- JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D (Org.). **As Representações Sociais.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.
- JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESHI, P. **Textos em representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 1995.
- LEFEBVRE, H. **La presencia y la ausencia.** México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- LINARDI, M. C. N. **Pioneirismo e Modernidade: A urbanização de Londrina - PR.** 250 p. 1995. Tese (Doutorado em Geografia Humana) Universidade de São Paulo, USP, São Paulo. 1995.
- LUTFI, E. P. et al. As representações e o possível. In: MARTINS, J. S. (Org.) **Henri Lefebvre e o retorno à dialética.** São Paulo: Hucitec, 1996.
- METROROR, Projeto Falido. **Folha de Londrina**, edição de 27.11.87, p. 10.
- METRÓPOLE do Norte. **Folha de Londrina**, edição de 12 de outubro de 1978, p.1 e 9.
- MOSCOVICI, S. **La Psychanalyse, son image, son public.** Paris: Puf, 1961.
- MOURA, R.; FIRKOVSKI, O. L. C. de. Metrôpoles e regiões metropolitanas: o que isso tem em comum? IX Encontro Nacional da ANPUR. **Anais.** Rio de Janeiro: ANPUR, 2001, v.1, p.105-114.
- MUNHOZ, A. **Le Paraná pour L'étranger.** Curitiba: Econômica, 1907.
- NA DÉCADA de 90 uma metrôpole ao longo do eixo Londrina-Maringá. **Folha de Londrina**, Centro de Documentação e Pesquisa Histórica CDPH/UEL, Série Geral, Disco 96, Filme 98, imagem 140 e 141.
- NAKAGAWARA, Y. **O Papel da Cia. de terras Norte do Paraná no crescimento de Londrina e da região norte paranaense.** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1985. (mimeo).
- PARANÁ. Governo do Estado. Secretaria de Estado do Planejamento. Coordenadoria de Estudos e Projetos. **METROROR: Plano Diretor do Eixo Londrina-Maringá.** Curitiba, 1980.
- PARANÁ. Governo do Estado. Secretaria de Estado do Planejamento. Coordenação de Integração Regional. Parecer ao Projeto de Lei Complementar 357/97. Curitiba, 03 jun. 1998.
- PLAISANT, A. C. **Scenário paranaense: descrição geográfica, política e histórica do Estado do Paraná.** Curitiba: Typ. d'a República, 1908.
- PROJETO da Free-Way entre Maringá e Londrina abandonado temporariamente. **Folha de Londrina**, edição de 17.06.1979. CDPH/UEL, Série Geral, Disco 96, Filme 98, imagem 147.

- SADER, E. **Quando novos personagens entram em cena**: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SILVA, M. I Congresso dos trabalhadores rurais do Paraná. **Revista Brasiliense**, n. 33, jan.fev. 1961.
- SILVA, M. Pensando o espaço simbólico. In: **Espiral do Espaço**. MELO, J. G. (ORG.) Presidente Prudente: FCT/ Unesp/Gasperr, 2003.
- SURGE a Metrópole Linear do Norte. **Folha de Londrina**, edição de 28.11.1980, p. 20.
- TOMAZI, N. D. **Norte do Paraná: Histórias e fantasmagorias**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.
- ZIMMERMANN, H. P. Entusiasmo e Realidade – I. **Revista Panorama**, v. 4, n. 35, 1955, p. 22.

Recebido em: novembro de 2011.

Aceito para publicação em: janeiro de 2012.